

CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS SOBRE O MUNDO DO TRABALHO NA OBRA *JORGE, UM BRASILEIRO*, DE OSWALDO FRANÇA JÚNIOR

Angela Maria Rubel Fanini¹

Carla Prado Lima Siveira Vilela²

RESUMO

Neste artigo, são analisadas as construções discursivas sobre o mundo do trabalho no romance *Jorge, um brasileiro* (1967), de Oswaldo França Júnior. A pesquisa tem como embasamento teórico para o campo da linguagem os conceitos de Bakhtin e do Círculo, proposta que auxilia a perceber certas peculiaridades artísticas e composicionais da estrutura do romance, a partir da matriz dialógica como princípio constitutivo do enunciado. Para o mundo do trabalho, a análise pauta-se nas reflexões de pensadores que contribuíram para um olhar mais crítico sobre essa temática na obra, como Marx e Engels, Lukács, Gorz e Antunes. Os discursos sobre o trabalho são investigados a partir da dialogia entre dois planos enunciativos ambivalentes no romance, o da sociedade capitalista, onde paira a exploração daquele que vende sua força de trabalho, e o do trabalho coletivo e socializado, que cria um universo simbólico sutil em que é possível o trabalho e as relações sociais carregarem sentidos mais humanos. O primeiro plano aponta para um certo fatalismo quanto à jornada do trabalhador que vende sua mão de obra na sociedade de mercado e, por mais que lute e se esforce, não logra romper com a hierarquização social ou ter uma vida mais emancipada. O segundo plano é dado simbolicamente como campo de resistência e apresenta uma arquitetura dotada de certa positividade, onde o trabalho é fator de socialização. Isso confere uma forte crítica à sociedade capitalista, em que a lógica da racionalidade econômica impera.

Palavras-chave: Universo do trabalho; Análise dialógica da linguagem; Romance nacional.

DISCOURSES ABOUT LABOR WORLD IN THE NOVEL *JORGE, UM BRASILEIRO*, BY OSWALDO FRANÇA JUNIOR

ABSTRACT

This paper consists of a discourse analysis of the labor world in the novel *Jorge, um brasileiro* (1967), by Oswaldo França Junior. This research is theoretically founded - for the field of language and literature - on the concepts of Mikhail Bakhtin and the Circle, which enables the perception of certain artistic and compositional peculiarities in the novel structure from the dialogic matrix as a constitutive principle of all discourse. This research builds on the reflections on the labor world by thinkers who contributed to a more critical look at this issue such as Marx and Engels, Lukacs, Gorz, and Antunes. The discourses on labor are investigated considering the dichotomy between two ambivalent enunciation plans in the novel: the capitalist society, where the worker exploitation prevails, and the collective and socialized work, which creates a subtle symbolic universe in which labor and social relations can carry more human meanings.

¹ Professora da UTFPR e da UNIANDRADE, Pós-graduação mestrado e doutorado. Bolsista em produtividade em pesquisa do CNPq.

² Formada em Letras, Mestrado interdisciplinar em Tecnologia e Sociedade da UTFPR, Doutoranda na UTFPR, Doutorado em Tecnologia e Sociedade.

The foreground points to a certain fatalism in the journey of the worker who sells his workforce in the market society and, despite his strive, fails to disrupt social hierarchy or attain a more emancipated life. The background is taken symbolically as an area of resistance to today's production model, and presents an architecture endowed with some positivity through joint work in interaction with nature and through common leisure and mutual assistance moments. Here, work is a socialization factor, which strongly criticizes the capitalist society where everything works according to the logics of an economic rationality.

Keywords: Labor universe; Dialogical analysis of language; Brazilian novel.

Introdução

Na literatura de Oswaldo França Júnior (1936-1989) se formalizam flagrantes do cotidiano citadino, das entranhas do mundo do trabalho, das contradições de um Brasil desigual, da melodia, muitas vezes estridente, que povoa o cenário urbano da vida moderna. É esse painel realístico que é filtrado e registrado pela lente arguta do escritor mineiro, em tom vernáculo e sem rebuscamento. Em sua narrativa, faz-se presente o cotidiano do brasileiro, do indivíduo simples, que toma ônibus para ir ao serviço, “que está na luta, no corre-corre, no dia a dia”³, que labuta cotidianamente para comer o pão com o suor do rosto. O herói (ou anti-herói) é esse indivíduo comum, o mecânico de carros, o motorista de caminhão, o pequeno comerciante, o jovem empreendedor.

Como bem observou o crítico Lafetá acerca do universo literário de França Jr, “Há, portanto, uma valorização do trabalho, coisa rara numa literatura que quase sempre o desprezou e evitou representá-lo, que glorificou o malandro e, quando mostrou o trabalhador foi para exibir a exploração de que ele é vítima e combater politicamente sua opressão” (LAFETÁ, 2004, p. 251-252). Desde seu romance inicial *O viúvo* (1965), França Jr produziu mais quatorze obras, com intervalo médio de dois anos entre uma produção e outra, mas foi com *Jorge, um brasileiro*, obra lapidada com esmero, que França Jr se lançou na concorrência pelo prêmio Walmap em 1967, principal concurso literário do Brasil, do qual saiu vencedor.

Em tom de conversa informal, concisa e vernacular, o romance em tela, publicado pela primeira vez em 1967 pela editora Bloch, trata da história de vida do caminhoneiro Jorge, que narra a sua trajetória em primeira pessoa e passa a constituir-se

³ Trecho da canção “Trabalhador”, do cantor e compositor Seu Jorge.

como sujeito a partir dos discursos que profere e das palavras dos outros sobre si. O protagonista dialoga com um interlocutor aparentemente sem referencial, e essa narrativa, com técnica de “caso-puxa-caso”⁴, começa e termina ao longo de uma só jornada.

O cenário é o Estado de Minas Gerais da década de 1960, transfigurado pelo Capitalismo industrial, povoado de cidades nascentes, de estradas em construção, de trilhos ferroviários, de pedreiras de produção de britas, de postos de gasolina, de botequins de beira de estrada. É nesse cenário que o caminhoneiro Jorge executa a missão de que foi incumbido pelo patrão Mário: transportar oito carretas carregadas de milho de Caratinga para Belo Horizonte, no prazo de uma semana.

Inicialmente, o protagonista resiste, devido às fortes chuvas que banhavam a região, além da extrema precariedade das estradas. Porém, mesmo a contragosto, lança-se à empreitada juntamente com outros oito colegas. Durante o duro trajeto, apesar do todo esforço empreendido pela equipe, não foi possível entregar a carga ao prazo. Em razão disso, o protagonista Jorge é desligado da empresa, após anos de dedicação aos interesses do patrão.

Discursos sobre o mundo do trabalho

A obra se estrutura tendo como forma a narrativa em primeira pessoa pelo protagonista e, nesse grande e movimentado enunciado que é o romance, há múltiplas formas da vigência do trabalho, como o ofício dos trabalhadores autônomos do transporte de cargas, a gerência do capitalista empreendedor, o trabalho semiescravo do imigrante nordestino, a atividade do contabilista burocrata, o trabalhador das minas de carvão, além de outros trabalhadores mais periféricos na narrativa. Tal peculiaridade, no dizer de Lafetá (2004), é uma das maiores provas da modernidade de França Júnior, uma vez que o romance é a sistematização do plurilinguismo social, cujas vozes são objeto do romancista.

O sujeito que narra é Jorge, e pela sua palavra, ele cria um universo discursivo e dá vida a outros atores que, volta e meia tomam a voz para si e se assumem frente ao mundo do trabalho e às circunstâncias que os contornam. Em franca conversa com seu

⁴ Expressão de Antônio Olinto para caracterizar o estilo literário de França Jr no romance em questão, o qual não obedece a uma ordem cronológica dos fatos.

interlocutor, o caminhoneiro qualifica os acontecimentos e as pessoas que participaram de suas andanças, tanto aqueles com quem se relacionou mais intimamente, quanto aqueles com quem teve breve contato.

Um dos efeitos de sentido da arquitetura textual decorre do entrecruzamento do discurso romanesco com o discurso histórico, o que revela o olhar do escritor sobre o mundo da vida, e a articulação do discurso literário e de seu processo interpretativo. Vê-se, no romance em análise, reflexões e refrações da ambientação dos transportes no Brasil, das condições das estradas, que têm suas raízes nas primeiras décadas do século XX. É a partir da política viária do então presidente Washington Luís (1926-1930), com seu lema “Governar é abrir estradas”, que os eixos da malha rodoviária e transportes de carga no Brasil ampliam-se, especialmente a partir da década de 1930 (BARAT, 1978), cuja expansão era compreendida como sinônimo de progresso e desenvolvimento econômico nacional.

Mesmo com a abertura das vias ao longo dos anos, as condições infraestruturais dessas estradas eram bastante fragilizadas, e bastava chover para que as vias ficassem praticamente impossibilitadas de trafegar. Percebe-se o diálogo do romance com o contexto histórico, principalmente nos momentos em que há a narrativização das andanças do grupo de caminhoneiros pelo interior de Minas Gerais na década de 1960.

As significações do mundo do trabalho no romance se instituem a partir de certo horizonte arquitetônico⁵ ambivalente, um no plano enunciativo da sociedade capitalista, onde paira a exploração e o desfecho hostil do trabalhador⁶, e outro no plano enunciativo do trabalho coletivo, socializado, longe do ambiente citadino, configurando

⁵ Para Bakhtin (2010a), todo ato enunciativo, inclusive, uma obra literária, faz-se por meio de uma forma arquitetônica, instituindo a visão axiológica do emissor, e as formas composicionais, ou seja, os elementos formais selecionamos que concorrem para a materialização daquela. No romance em tela, temos uma forma arquitetônica que se viabiliza enquanto crítica ao trabalho mercantilizado. Essa crítica se dá mediante a dialogia entre dois planos enunciativos, a saber, um ligado ao cronotopo imediato do romance, voltado para o capitalismo e exploração do trabalho, e outro, simbólico em que os operários labutam em solidariedade, apartados desse cenário.

⁶ Para um entendimento do trabalho enquanto atividade alienada e explorada, embasamos nossa análise nas obras de Marx (1975, 2007), Engels (2007) e, posteriormente, Lukács (2013). A discussão sobre trabalho necessariamente passa pela leitura desses autores que são clássicos sobre o mundo laboral, destacando os impactos do capitalismo na vida dos trabalhadores. Não há como citar apenas passagens específicas dessas obras visto que a temática laboral, em sua totalidade, acha-se presente como linha mestra nesses filósofos. Marx e a tradição marxista mantêm o foco no estudo das contradições entre trabalho e capital. Na crítica literária, no entanto, a temática do trabalho é pouco explorada.

um universo simbólico sutil em que é possível o trabalho e as relações sociais carregarem sentidos mais humanos⁷.

Isso se dá em razão da dialogia do gênero romanesco que, como enunciado heterogêneo, compõe-se de visões díspares, ora emergindo um discurso positivo para o trabalho coletivo, ora manifestando um discurso negativo em que o trabalho degradante protagoniza a cena, havendo articulação entre ambos, possibilitando uma perspectiva crítica. Os eventos que compõem a arquitetura do texto, sejam eles temporais, valorativos ou espaciais, estão entrelaçados ao centro axiológico organizador do objeto estético, no caso, a voz do narrador Jorge.

Em uma primeira instância, percebe-se na obra um certo fatalismo quanto à jornada do trabalhador que vende sua mão de obra no sistema capitalista e, por mais que lute e se esforce, não logra romper com a hierarquização social, ter uma vida mais emancipada ou ser recompensado pelo seu labor, o que pode ser verificado pela demissão de Jorge, após anos de devoção e fidelidade para com o patrão. Todavia, por meio de estratégias do autor, percebe-se a sutileza de uma outra instância discursiva, que remonta a uma alternativa ao discurso oficial, um contraponto a esse universo, que é o âmbito do coletivo, onde o trabalho e os relacionamentos podem apresentar sentidos mais humanos.

Esse mundo que oferece resistência ao contexto exploratório mais imediato possui conotação positiva ao enfatizar afetos bastante caros aos seres humanos, como a amizade, o companheirismo e a cumplicidade. Há um constante embate e uma interpenetração entre esses dois mundos, o do trabalho urbanizado na sociedade capitalista, em que o trabalhador está fadado a um desfecho adverso, e o do trabalho simbólico, metaforizado pelo trajeto percorrido pelos nove caminhoneiros para a entrega da carga, onde há esperança de certa emancipação e humanização nas relações sociais. Passemos a investigar os dois planos.

A personagem Jorge é elaborada como um trabalhador dinâmico, heterogêneo, que está entre os que vendem a sua força de trabalho em troca de salário, integrante da

⁷A perspectiva do trabalho com sentido humano e não estranhado dentro da sociedade capitalista advém sobremaneira de um dos teóricos contemporâneos mais importantes sobre o ambiente laboral cuja obra também embasa este artigo. Dentro da tradição marxista, acompanhamos Gorz (2003) que trata da possibilidade de outras formas de trabalho distantes daquelas descritas e problematizadas por Marx e Engels aqui referidos. Não é possível citar apenas fragmentos dessa obra visto que, em sua totalidade, problematiza o mundo do trabalho e aponta caminhos possíveis para se ultrapassar a degradação material e simbólica perpetrada contra o trabalhador.

classe-que-vive-do-trabalho (ANTUNES, 2009), expressão que confere validade contemporânea ao conceito marxiano de classe trabalhadora. Não detém os meios de produção ou subsistência, mas apenas a sua mão de obra e seu saber, o qual não pertence à qualificação interna da empresa, mas é elemento que traz consigo. Por um lado, isso lhe confere uma certa autonomia em seu processo de trabalho, mas por outro, esse saber pode se tornar banalizado e substituível, uma vez que a função de motorista não demanda qualificações tão complexas. Dedicando-se há anos à atividade extenuante de transporte de cargas, acostumou-se aos horários não usuais para o seu exercício, e às instabilidades que a atividade impõe: longas jornadas na estrada, pausas escassas entre uma função e outra, prazos restritos para a entrega da carga, sujeição a acidentes, e à precariedade dos locais de descanso, restrito muitas vezes à cabina do caminhão.

No primeiro campo enunciativo, ouve-se a voz do narrador a compartilhar com o outro, seu interlocutor, certos relatos de sua vida, após estar desligado da empresa para a qual trabalhara, sob a liderança de Mario. Mergulhado em um universo de palavras, termos e expressões, o narrador seleciona os fatos discursivos que mais lhe interessam para compor o seu relato e justificar suas posições.

Segundo o narrador, o patrão é considerado um amigo e alguém para quem Jorge tem orgulho de trabalhar, como se vê no fragmento seguinte: “E era com satisfação que a gente trabalhava para um homem daqueles”. (FRANÇA JR, 1982, p.72). E ainda: “Não tinha tido uma coisa que eu tivesse feito que o senhor Mario não tenha achado que era a melhor coisa”. (FRANÇA JR, 1982, p.73). Essa satisfação de Jorge estava diretamente ligada ao reconhecimento de Mário pelo seu bom desempenho no serviço; alegrava-se em ver sua capacidade profissional se convertendo em realizações materiais, pois parte do saber de Jorge é exercido na função desempenhada, como se vê:

E que, quando os cinco caminhões ficaram funcionando, e trabalhando sem parar, me senti satisfeito. E era bom ver quando os cinco chegavam numa obra. Parecia que antes estava parada, porque aí você chegava a ver as paredes subindo. E os homens que colocavam o concreto dentro das formas, passavam a correr de um lado para outro para darem conta da produção. E era bonito ver os cinco trabalhando juntos, um ao lado do outro, de costas para a construção, formando uma meia-lua. Todos pintados de vermelho e com o nome do senhor Mario escrito nas portas. E eu é que tinha feito eles ficarem bons para o trabalho. (FRANÇA JR, 1982, p.25-26)

O excerto “E eu é que tinha feito eles ficarem bons para o trabalho” denota o esmero no desempenho de suas funções e o orgulho pelo trabalho bem feito. Há uma

forte identificação do caminhoneiro com o seu ofício, o qual é fonte de identidade pessoal e social em sua vida, o que faz com que seu trabalho seja central e ontológico. É por meio do trabalho que Jorge se expressa e se relaciona com os outros: seus amigos são seus colegas de trabalho, suas conversas são sobre sua profissão. Não há separação entre vida pessoal, lazer e labuta.

Na relação com o patrão, aparentemente Jorge não vê malícia, mas julga que Mario é seu amigo e benfeitor, em razão das palavras de incentivo que o chefe dirige ao caminhoneiro pelos seus serviços bem executados e, também, por torná-lo encarregado de parte da frota e contratar e demitir funcionários, o que reforçava sua identidade como trabalhador responsável e quase insubstituível. Nesse sentido, pensa diuturnamente naquilo que é melhor para Mario e em satisfazer suas necessidades capitalistas, por isso, mesmo a contragosto, em razão das intempéries climáticas, obstinou-se em transportar o carregamento de que fora incumbido, enchendo-se de culpa quando se convenceu de que não foi possível cumprir o prazo, o que resultou em sua demissão.

Entretanto, em contraposição à suposta pacificidade do empregado frente à lógica do mercado, percebe-se na seguinte estratégia discursiva uma outra orientação, mais crítica e irônica:

E me lembro que quando ele pegou o avião e foi para Cuiabá, e eu fiquei com o caminhão comigo, senti que aquele era um homem para a gente trabalhar para ele a vida toda. E topar qualquer serviço. E ele ainda havia se lembrado de levar as caixas de cerveja e as camisas (FRANÇA JR, 1997, p.83)

Ao proferir esse enunciado aparentemente ingênuo e conformado, em que Mario é retratado como um benfeitor para quem é uma honra se trabalhar, o excerto “E ele ainda havia se lembrado de levar as caixas de cerveja e as camisas”, adquire, porém, um tom irônico e crítico quando entra em diálogo com o contexto de exploração que aponta para o primeiro plano enunciativo da arquitetônica da obra. Há uma orientação discursiva para o imediato, de que Mario fez um pequeno agrado ao dar cervejas e camisas de brinde para os empregados e, também, para a cadeia discursiva ampla que dialoga com o contexto exploratório a que estavam submetidos aqueles que com o suor do rosto conferiam altos lucros aos empreendimentos do chefe e eram entretidos com gorjetas.

Mario precisa de alguém de confiança para gerenciar parte de seus empreendimentos, por isso oferece a seus empregados certas benesses para evitar um desagrado coletivo e mantê-los fiéis. A personagem representa o capitalista empreendedor, ávido por bons lucros. Com discurso ora patronal, ora amigável, Mário não libera Jorge de ser rentável o tempo todo, mas intensifica a opressão à medida que o faz viver no trabalho e para o trabalho, conforme relata Jorge: “Se eu fosse contar, ia ver que depois que comecei a trabalhar para o senhor Mario, tinha morado mais tempo em barraca e em cabina de caminhão, do que em casa, ou barracão ou garagem ou escritório” (FRANÇA JR, 1982, p.53). As pequenas cortesias de Mario para com Jorge e outros empregados são, de certa forma, uma política paliativa que oferece certa recompensa imediata, mas está longe de abrir perspectivas emancipatórias para um futuro próspero e autônomo.

Além de proprietário de frota de caminhões, Mario era também dono de uma pedreira e de um posto de gasolina, juntamente com outro sócio. Incumbia Jorge não só de seu trabalho com as cargas, mas também de fazer pequenos serviços, como levar recados familiares, fazer compras no comércio, trabalhar de mecânico dos caminhões, prestar socorro fora de hora, como trocar pneu furado do chefe durante a madrugada, tudo isso na “camaradagem”. O leitor tem acesso a essas informações a partir do recorte que o narrador realiza ao apresentar sua história, mesmo elas estando “diluídas” no todo da narração. Não há uma cumplicidade entre autor e personagem, pois certas falas do próprio Jorge e de outros personagens sobre ele, desabonam a visão ingênua de conformação do protagonista com a situação em que se encontra.

Ao apresentar o embate discursivo do qual emergem os dois planos citados, o autor destaca sua visão de mundo crítica sobre o capital e sua perspectiva positiva sobre o trabalho coletivo, e Jorge é veículo dessas vozes. Mesmo sendo narrador em primeira pessoa, é construído pelo autor, ou seja, há um autor responsável pela narrativa que não coincide com o narrador, visto que o romance, segundo posição bakhtiniana, é sempre um discurso indireto. O gênero romanescos se caracteriza por ter um autor organizador das vozes e que cria essas vozes, inclusive a do narrador. É o que se confere mais uma vez quando Jorge relata o seguinte enunciado:

[Mario] Achou graça e riu e contou sobre o negócio que estava fazendo e que iam entrar aqueles caminhões. E dizia, porque naquela época ele sempre falava comigo dos negócios, que era coisa para ficar rico em pouco tempo. E

tinha uma pedreira no negócio e também uma máquina de fazer brita. Lembro-me de que ele bateu no meu ombro e falou que eu ia acabar um homem cheio do dinheiro. E falou para eu “aguentar a mão”, que, no fim, “a coisa sempre melhora” (FRANÇA JR, 1982, p.58).

Além dos brindes, o discurso ilusório como “aguentar a mão”, “a coisa sempre melhora”, também objetiva criar uma conformação e falsas esperanças de uma possível emancipação ou ascensão financeira. Em outro momento, quando Jorge precisava de certa quantia de dinheiro para investir em um bom negócio de pneus, procurou o patrão “mas o senhor Mario na hora estava com pressa e não me escutou direito. Só bateu no meu ombro e falou que era para eu não esquentar a cabeça, não”. (FRANÇA JR, 1982, p.62). Esse excerto dialoga com as contradições entre as classes sociais na narrativa, em que na tentativa de Jorge melhorar de vida por realizar um bom negócio, o patrão lhe impede, não lhe dá ouvidos, o que se infere que, no plano do capitalismo, não é possível ao caminhoneiro alcançar patamares similares ou maiores aos do patrão. Essa problemática da classe social se faz visível já no título da obra. Portador de nome popular, Jorge é caracterizado como mais um no coletivo de trabalhadores brasileiros, uma vez que não é referido pelo artigo definido “o”, mas pelo indefinido genérico “um”. O caminhoneiro é mais um dentre os milhares de homens simples que precisam trabalhar para sobreviver em um Brasil de enormes disparidades econômicas e sociais.

No entanto, a narrativa mostra uma perspectiva crítica ao dar voz a esse homem simples, trabalhador, do povo, que protagoniza o romance, em uma época de fortes tensões sociais no cenário da vida extraliterária. No plano do estético, há um fundo axiológico de caráter político na obra, que tenuamente se contrapõe ao cenário ditatorial vivenciado pelo Brasil no final da década de 1960. Há uma recusa à ideologia vigente, à imposição do padrão de mercado, representado por certas tensões maniqueístas entre os dois planos enunciativos da narrativa que se contrapõem, mas que se complementam no processo de construção da arquitetura do romance.

Essas falas, na obra, mostram que a percepção da exploração no trabalho se faz de maneira sutil pelo discurso do narrador e, também, pela voz do outro. São vozes de outra natureza que se contrapõem ao discurso favorável ao patrão, como se pode verificar também no diálogo com um trabalhador de minas de carvão para quem Jorge oferece carona:

- Carro grande, hem?

- Mais ou menos, havia eu respondido.
 - Ficou calado um pouco e depois disse: - É do senhor?
 - Não, eu sou o motorista.
 - São quantos?
 - Oito.
 - Tudo de um dono só?
 - Tudo.
 - Homem rico, heim?
 - Balancei a cabeça concordando.
 - Ele está aí?
 - Não.
 - É, quem tem tudo isso não precisa viajar, não é?
 - Concordei novamente com a cabeça.
- (FRANÇA JR, 1987, p.161).

Essas vozes, representadas em discurso direto, concentram uma dupla expressão ao evocar primeiramente o imediato, de que Mário não precisa “bater volante” noite e dia por ser um homem rico e, em um segundo momento por remeter às diferenças de classes sociais e à usurpação do trabalhador, representando uma crítica ao capitalismo. Pela alteridade, na relação com o outro, Jorge vai se conscientizando dessas diferenças. Há, portanto, dois centros discursivos, uma voz literal e uma outra que não se limita ao contexto instantâneo, mas o transcende.

O universo do trabalho dessa personagem para quem Jorge oferece carona também é retratado de forma degradante nesse primeiro plano discursivo. Sob um horizonte cinza escuro, um vento cortante e chovendo a cântaros, esse homem, no meio do barro, enrolado em uma lona pede carona para ir até a cidade de Ponte Alta, pois esperava um ônibus da Companhia Acesita que só passaria muito tarde da noite. Trazia consigo um embrulho de papéis e documentos de trabalho os quais mostra a Jorge e relembra a sua trajetória laboral pelo interior de Minas, de quando trabalhava em uma fazenda aplicando “remédios nas vacas com pincel, para não dar berne” (FRANÇA JR, 1982, p.164), emprego que abandonou pela impossibilidade de os filhos estudarem. Conta ao motorista que agora trabalha em uma mina da Companhia, fazendo carvão em fornos de barro, cujo transporte se dava em grandes caçambas, ou caminhões “gaiola”, e tinha o eucalipto como matéria prima.

Como atividade centenária, a indústria carvoeira desde a sua gênese é considerada um dos locais mais perigosos e deletérios para se trabalhar. Proletários maltratados labutam em um contexto coletivo de fadiga e de estresse, sujeitos a acidentes, a riscos de desmoroamento, ao agravamento de doenças pulmonares, como a

silicose, por respirar diariamente um ar poluído. Nos diálogos entre Jorge e esse trabalhador percebe-se, pela voz do autor, a rotina de abusos a que são submetidos esses indivíduos. Serrando madeira, pisando no barro quente, jogando água para abafar as labaredas, o sujeito se torna um mero fator material de produção, limitando sua condição a uma objetividade reificada. Por outro lado, vê-se uma das especificidades do discurso romanesco: a obra dá voz a esse trabalhador mineiro, que não se limita a ser um indivíduo coisificado, ou alguém genérico, visto que fala criticamente do trabalho e é considerado em seu contexto individual.

Posto esse primeiro plano, em um outro campo enunciativo, a obra recria simbolicamente um mundo pós-capitalista ou pré-capitalista, apartado da urbanidade e das relações de mercado, universo em que impera a socialização das tarefas, a amizade, as relações mais espontâneas e solidárias. Aqui se percebe o diálogo da obra com uma época mais distante, não limitada ao contexto de sua criação, ocasionando com que os enunciados na literatura se adensem por concentrar uma temporalidade cronotópica de muitos anos, e interagir com discursos antigos, que transcendem o imediato e mesclam realidade e ficção, como atesta Bakhtin na bela passagem sobre a atemporalidade de certas obras:

As grandes obras da literatura são preparadas por séculos; na época de sua criação colhem-se apenas os frutos maduros do longo e complexo processo de amadurecimento. Quando tentamos interpretar e explicar uma obra apenas a partir das condições de sua época mais próxima, nunca penetramos nas profundezas de seus sentidos (BAKHTIN, 2003, p. 362).

Os diálogos com outras épocas são característicos do fenômeno literário, em virtude de sua dialógia interna. Na dimensão do simbólico no romance em tela, ecoam vozes que remetem a um certo contexto mítico, resgatando uma tradição de saberes que reverberam na atualidade da narração. É nesse ambiente quase familiar entre esses nove homens que o trabalho é recompensado, pela ajuda coletiva a enfrentar os desafios, em um mundo não adulterado pelas relações capitalistas em que a retribuição pela labuta árdua é a demissão. Esse ideário que transcende a monetarização social é um contraponto à lógica do capital, e serve para enaltecer um modelo de resistência que opõe a força própria à força alheia (BOSI, 2002) frente à coerção da sociedade de mercado.

Um dos primeiros elementos simbólicos que se percebe na narrativa é o número sete, que é constantemente citado, em razão da viagem ter sido designada para ser cumprida nesse período de dias. Esse número carrega culturalmente uma conotação mística, sagrada, desde épocas primevas.

No texto bíblico, por exemplo, ele contém uma simbologia de perfeição: no sétimo dia, completou-se a criação e o descanso do grande arquiteto do universo; as cores do arco da aliança (arco-íris) são compostas por sete tonalidades; os selos apocalípticos são em número de sete; o candelabro é composto por sete hastes; as virtudes do Espírito Santo são sete.

Nesse sentido, esse número reflete e refrata outra realidade, talvez transcendente em relação ao contexto imediato da obra, ou seja, a década de 1960, pois o discurso deita raízes em uma temporalidade maior, dialogando com discursos anteriores, às vezes, milenares, pois converteu-se em um signo ideológico, que passa a ser revestido de um sentido “superestrutural”. Ele adquire “um sentido que ultrapassa suas formas particulares” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p.32), são repetições por demais frequentes para serem gratuitas, daí a sua não neutralidade em um texto como, por exemplo, o literário.

Nessa mesma vertente, outro elemento quase palpável na obra é a chuva torrencial, retratada como um empecilho que os acompanhou durante toda viagem, cessando apenas ao final: “Quando olhei, o sol já estava lá fora. E estava fazendo calor e o sol brilhava muito. Era aquele sol de depois da chuva, que queima, e brilha, e faz a gente andar com os olhos meio fechados” (FRANÇA JR, 1982, p.185). Simbolizando a vida e talvez um novo começo, o aguaceiro abundante tem raízes simbólicas em antigas narrativas, como na saga do Gênesis, ou no épico mesopotâmico *Epopeia de Gilgamesh*, em que Deus envia um dilúvio para dizimar a corrompida raça humana em prol do surgimento de um novo povo, que preze valores mais altaneiros.

No romance, a enxurrada simboliza um prenúncio de mudança na vida do protagonista, ou as primícias de um novo ciclo, uma vez que a chuva cessa repentinamente quando os caminhoneiros chegam ao destino final, apontando para uma jornada de trabalho que se encerra com a exoneração de Jorge. A chuva constante os uniu, mas também, ao passar, não traz o bem e sim o mal. Essa ambivalência reforça os dois planos do romance, um mais ligado à crítica ao capitalismo e outro que manifesta um universo solidário entre os trabalhadores.

As referências ao barro e ao lodaçal, aliados ao aguaceiro abundante, também se fazem presentes por quase toda a obra, dando margem a uma leitura mítica, quando visto no plano simbólico. São elementos figurativos da interação do homem com o elemento telúrico, o que dialoga com a antiga teologia judaica que trata da formação do homem do pó da terra, modelado a partir do chão úmido e endurecido. Em referência ao assujeitamento da criatura ao Criador, o homem surge não de cima, mas de baixo, do barro inerte, o que aponta para uma natureza humana calcada no chão, dissipando toda soberba do ser criado. É do barro que parte e é para ali que tornará. Longe da cidade, do capital, podem regressar ao telúrico e ali talvez possam emergir como coletivo em interação mais solidária, lembrando o homem primitivo cuja vida fluía e se concretizava de modo mais interdependente.

No romance, a intensa luta contra as adversidades do lodo e da chuva podem remeter à luta do homem consigo mesmo, como uma tentativa de se emancipar da força da natureza, tentando superá-la. Esses componentes, portanto, podem ser vistos tanto como entraves à jornada, quanto como meios de unificação do trabalho e da socialização entre os trabalhadores. Como inconvenientes, a lama e a chuva dialogam com o contexto material, concreto; já como meio de unificação, a discussão se adensa e transcende o imediato histórico, adquirindo certa característica positiva, à medida que é por meio dessas intempéries que a comunhão entre esses trabalhadores se aprofunda. É nesse sentido que afirma Bakhtin (2003), que o diálogo com o universo simbólico, por exemplo, torna-se possível, porque a explicação do texto literário não se limita à época imediata de escrita da obra, mas a transcende no tempo, no espaço e na cultura.

Apartados da civilização e munidos apenas de ferramentas rústicas para o trabalho braçal como enxadas, pás, machados e lampiões, o grupo vive uma odisseia pelo interior do Brasil. Intensifica-se o aguaceiro, o lamaçal se espraia, os barrancos desabam, as carretas atolam. Trabalhavam horas no cabo da enxada, cortando os barrancos para desatolar os caminhões. Mas em meio ao batente, brincavam um com o outro depreciando times de futebol adversários, ou satirizando as dores físicas de outro: “Depois de cortar um pedaço do barranco, foi a vez do Fábio passar. O Murta gritou para ele não fazer besteira igual a que fez na curva: - Seu atleticano burro! O Fábio disse pra ele ir à merda, e o pessoal riu” (FRANÇA JR, 1982, p.133). Durante o trajeto, o riso e a brincadeira são atitudes constantes do grupo e exercem um papel importante

como fenômeno de socialização e resistência à rotina intensa e pesada do trabalho, pois enfrentam uma grande provação em conjunto até chegarem ao local de entrega da carga.

Assim, os motoristas fazem desvios paralelos às pontes que estavam despencando e aos mata burros cujas vigas estavam cedendo; cortavam pés de eucalipto com o machado em mãos para abrir caminhos; consertavam pontes desniveladas; rasgavam a terra com as mãos quando a enxada não era suficiente. “E as mãos da gente estavam sempre sujas; e os pés cheios de barro, com os sapatos pesando mais de dez quilos. E a gente não ligava mais para merda nenhuma” (FRANÇA JR, 1982, p.170). Vencidas essas provações, surgem outras: lonas rasgam, o freio falha, o radiador fura, o semieixo do veículo danifica-se. Há um encadeamento de atrapalhões laborais a desafiar a física e coletivamente ao prosseguimento da viagem. É o indivíduo, dotado não apenas de força bruta, mas de inteligência, iniciativa e capacidade de organização, em constante luta com a natureza, tentando superá-la.

Nessa relação metabólica entre homem, tecnologia e natureza, o sujeito almeja ir além da água, da terra e dos ventos, mas quando olha para si, para a força de seu próprio braço, percebe-se um ser limitado, precarizado, frente à grandiosidade de tudo o que transcende a própria materialidade. As personagens ali são um coletivo incumbido de uma missão que se dá inter-relacionada com a natureza e o trabalho.

Nos entremeios de uma história e outra que a personagem conta, o narrador vai extraindo lições, proferindo máximas e provérbios sobre a vida. A socialização e o coletivismo encontram aí um aspecto importante. Nas entranhas de um Brasil ruralizado, enfrentando uma *Via Crucis* para cumprir a missão de que foram designados, Jorge e seus companheiros formam uma comunidade solidária.

A luz do fogo do fogareiro clareava pouco, e nós reunidos ali debaixo, comendo, dava a impressão de uma coisa séria. Os motoristas voltaram a falar. Achei a comida boa e comi muito. Depois que terminamos cada um lavou o seu prato nas bicas que a chuva formava em algumas pontas da carroceria. E ficamos ali debaixo, bebendo café quente com torresmos, e conversando. Falamos do quanto a gente ia ter que cortar do barranco. E falamos da chuva e do barro (FRANÇA JR, 1982, p.129).

Por meio do trabalho e da linguagem tecem os laços de solidariedade e cooperação, pois todas as tarefas precisam ser realizadas em conjunto. Após jornada estafante, conversavam sobre os desafios do dia, divertem-se contando causos, partilham o pão com alegria, agachados, ao redor de um fogareiro. É nessa circunstância

que o trabalho adquire um novo sentido, como se vê: “E todos estavam achando muita graça, fazendo brincadeiras com o Lauro para vê-lo reclamar. Percebi, então, que se a gente tivesse que fazer uma outra ponte ali, naquela hora, ninguém iria achar ruim (FRANÇA JR, 1982, p.157).

Apesar da dureza da vida cotidiana, a arquitetura é otimista e o trabalho é responsável por certa mudança na natureza humana. É na comunhão entre os trabalhadores que sua função adquire outra conotação, longe do contexto concreto urbano, em um cenário interiorano, onde abundam o barro, a chuva, o trabalho coletivo e a solidariedade, representações que acenam para um cenário mítico. Essa leitura simbólica de um escape ao capitalismo infere uma forte crítica à sociedade de trabalho, em que tudo funciona pela lógica da racionalidade econômica, que deve ser mensurável, calculável, previsível e as relações tornam-se monetarizadas, visando o mínimo de prejuízo ao capital. Pode-se inferir, portanto, que essa crítica aponta para uma outra sociabilidade, que transcende a hierarquia que subordina o trabalho ao capital, como propõe Antunes:

Uma vida cheia de sentido em todas as esferas do ser social somente poderá efetivar-se por meio da demolição das barreiras existentes entre tempo de trabalho e tempo de não trabalho, de modo que, a partir de uma atividade vital cheia de sentido, autodeterminada, para além da divisão hierárquica que subordina o trabalho ao capital hoje vigente e, portanto, sob bases inteiramente novas possa se desenvolver uma nova sociabilidade. (ANTUNES, 2009, p.175).

Como complemento a uma vida de sentido no trabalho, contribuem o ócio, as artes e o tempo livre para propiciar uma vida autêntica e autodeterminada, em que possam sobressair relações mais espontâneas, afetivas e solidárias. Faz-se necessário, portanto, sair da “ordem”, em que os que exercem trabalho subordinado estão embrutecidos pela função muitas vezes estranhada, oprimidos pela hierarquia e dominados pela maquinaria a que servem. Há certa advertência nesse campo discursivo, em que é necessário ao homem trilhar novos caminhos, entendendo que a economia tem limites e não assujeitar atividades sem fim mercantil à lógica do rendimento.

Considerações finais

A atuação polivalente de Oswaldo França Júnior no mundo do trabalho⁸ é uma das motivações para sua aguçada percepção da condição social do trabalhador brasileiro, célebre personagem de todos os seus romances. Em *Jorge, um brasileiro*, vê-se o expoente máximo do *homo faber*, na faina diária do ganha-pão, por meio da representação ficcional do caminhoneiro Jorge e dos que o orbitam. No entanto, ocorre também a constituição do *homo symbolicus* que discursa sobre a atividade laboral e aí reside sua potencialidade crítica. Como vimos, há dois planos que constituem a visão arquitetônica do texto. Esta é dada a partir de elementos formais composicionais que formalizam os referidos planos. Em um deles, enfatiza-se o contexto imediato das condições materiais precárias do trabalho e do cenário, sobretudo das estradas nacionais, dificultando o avanço da trajetória dos caminhões e dos trabalhadores. Já no segundo plano, os operários afastados do meio urbano, solidarizam-se na faina cotidiana, ultrapassando toda sorte de provações, advindas de um cenário natural em que, sobremaneira, a água e o barro são poderosos elementos que transfiguram o local, transcendendo, em parte, as condições históricas imediatas. Esse *locus*, simbólico recria a luta do homem primitivo em mutirão contra as forças da natureza para dominá-la. Surge como alternativa ao trabalho degradado, propiciando a união em torno de um objetivo comum. Aqui, conversam, brincam, contam causos, tornam-se íntimos. O trabalho concretiza-se com sentido, central e prazeroso, embora árduo. Lá, o trabalho surge mercantilizado sob o domínio do capital, desagregando-os.

Aparentemente singelo, o romance é imenso em criticidade e esperança. O autor-criador mostra que a expressão das vozes não se faz de modo exclusivo a um único plano enunciativo, ou seja, o de denúncia do capitalismo degradante para o trabalhador, mas, soma-se a esse, dialogicamente, outro plano discursivo, vinculado a um universo simbólico em que os trabalhadores tecem relações solidárias entre si. Em um dos planos se denuncia a mentalidade determinista de um trabalho fadado ao fracasso no capitalismo de estágio avançado, e, em outro, aponta-se uma saída, consistindo-se a obra em uma enunciação libertadora para se repensar a história e as possíveis

⁸ Após a exoneração de seu ofício militar, França Júnior transitou por ramos profissionais inusitados, como proprietário de banca de revistas, dono de barracas de pipocas, gerente de empresa de ônibus, sócio de empresa de táxis, corretor de mercado de capitais, corretor de imóveis, vendedor de carros usados. Fonte: Acervo dos Escritores Mineiros, da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, disponível em <http://www.letras.ufmg.br/aem/oswaldofranca.html>, acesso em: junho, 2017.

alternativas para um mundo mais emancipado e pleno de sentido, em que a linguagem crítica e o trabalho digno e solidário possam concretizar uma vida plena de sentido.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentín. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 2010a.

_____. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Para uma filosofia do ato**. Tradução inédita [para fins didáticos] de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza da edição americana *Toward a Philosophy of the act* (Austin: University of Texas Press, 1993).

BARAT, Joseph. **A evolução dos transportes no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1978.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FRANÇA JUNIOR, Oswaldo. **Jorge, um brasileiro**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1982.

GORZ, André. **Metamorfoses do trabalho**, busca do sentido: crítica da razão econômica. São Paulo: Annablume, 2003.

LAFETÁ, João L. O romance atual: considerações sobre Oswaldo França Júnior, Rui Mourão e Ivan Ângelo. In: **A dimensão da noite**. São Paulo: Duas cidades, 2004.

LUKÁCS, Gyorgy. Os complexos de problemas mais importantes: o trabalho. In: **Para uma ontologia do ser social II**. 1. Ed. Tradução: Nélio Schneider, Ivo Tonet, Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. Trad.: Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. A maquinaria e a indústria moderna. In: **O capital**. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1975.



TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

SUPLEMENTO LITERÁRIO: **Lembranças de Oswaldo França Júnior**. Belo Horizonte, Outubro/2009. Edição Especial. Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, MG.